



Cadernos IHU Idéias

**Futebol, mídia e sociedade
no Brasil: reflexões a
partir de um jogo**

Dr. Édison Luis Gastaldo

ano 1 - nº 10 - 2003 - 1679-0316

 UNISINOS

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor

Aloysio Bohnen, SJ

Vice-reitor

Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Centro de Ciências Humanas

Diretor

José Ivo Follmann, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Coordenador

Inácio Neutzling, SJ

Cadernos IHU Idéias

Ano 1 – Nº 10 – 2003

ISSN 1679-0316

Editor

Inácio Neutzling, SJ

Conselho Editorial

Dárnis Corbellini, Laurício Neumann,
Rosa Maria Serra Bavaresco e Vera Regina Schmitz

Responsável técnico

Telmo Adams

Editoração Eletrônica

Rafael Tarcísio Forneck

Revisão

Mardilê Friedrich Fabre

Impressão

Impressos Portão

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Instituto Humanitas Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil
Tel.: 51.5908223 – Fax: 51.5908467
humanitas@poa.unisinos.br
www.ihu.unisinos.br

FUTEBOL, MÍDIA E SOCIEDADE NO BRASIL: REFLEXÕES A PARTIR DE UM JOGO

Édison Luis Gastaldo¹

Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar a construção social da realidade no chamado “futebol-espetáculo”, tendo como base o discurso dos locutores e comentaristas das emissoras de televisão aberta que transmitiram a partida decisiva da Copa do Mundo de 1998, disputada entre as seleções do Brasil e da França. Fazendo uma análise comparativa entre as imagens do jogo (geradas pela televisão francesa e, portanto, idênticas para todas as emissoras) e as locuções/comentários de cada uma delas – interpretações das imagens – tomadas como definidoras da realidade do jogo, podemos evidenciar um amplo painel de representações sobre a sociedade brasileira, o futebol, o papel social do esporte, honra, ética e identidade nacional, entre outros temas, apresentados como “definições da realidade”, já que interpretam/definem “o quê”, afinal de contas, está acontecendo dentro de campo.

Introdução

Este artigo tem por objetivo analisar a construção social da realidade referente ao jogo de futebol Brasil x França, que decidiu a Copa do Mundo de 1998, na França, tendo como fundamento o discurso dos locutores e comentaristas das emissoras de televisão aberta que transmitiram o evento. Diversos aspectos tornam as transmissões deste jogo especialmente interessante como objeto de análise. Em primeiro lugar, os jogos da seleção brasileira em Copas do Mundo representam um momento extremamente raro de audiência aos veículos de comunicação de massa no Brasil. Em tempos de segmentação de público,

¹ Professor-adjunto no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS); mestre em Antropologia Social (UFRGS); doutor em Mídias (UNICAMP); professor-visitante na University of Manchester (Inglaterra).

uma audiência de mais de 100 milhões de pessoas (94% dos televisores ligados) a um mesmo evento é um fato cujas dimensões sociais não podem ser menosprezadas. Em segundo lugar, este jogo decidiu a Copa do Mundo, e o Brasil começou o dia como o franco favorito, segundo o discurso da imprensa e da publicidade, tendo sido derrotado pela maior diferença de gols de todos os tempos, sendo a mudança na tônica do discurso durante o jogo um interessante fenômeno a estudar. Em terceiro lugar, minutos antes do jogo houve um problema envolvendo a escalação de Ronaldo, o principal jogador da seleção brasileira naquela competição, e a dança das diferentes versões nas transmissões ao vivo em cadeia nacional torna este evento um caso particularmente notável de definição social da realidade. Tamanha foi a ambigüidade e a contradição das versões na ocasião, que até hoje não há consenso sobre o que realmente aconteceu naquela tarde. Ou melhor: se há consenso, é o de que a história toda foi (e continua) mal-contada. Naquela tarde de domingo, 12 de julho de 1998, entre locutores, comentaristas e um jogo de futebol cuja definição é construída com palavras é que se situa este trabalho.

1 – Futebol e Cultura no Brasil

Um importante aspecto constituinte da cultura brasileira contemporânea é a apropriação social do futebol como fato cultural. O esporte chamado de *football association* (no Brasil, simplesmente “futebol”), desde os anos 50, tem servido como um importante demarcador de diferença na relação dos “brasileiros” com os “estrangeiros”. Trazido para o Brasil no final do século XIX por funcionários de empresas inglesas, sua prática esteve, no princípio, associada às elites, juntamente com o remo, outro esporte em voga na época.² Existe uma espécie de “mito de origem” do futebol no Brasil, aceito quase unanimemente, que atribui a entrada deste esporte em nosso País a Charles Miller, brasileiro, filho de ingleses, que, voltando da Inglaterra, presumivelmente em 1894, teria trazido, em sua bagagem as regras, dois jogos de uniformes e duas bolas de couro. O crédito a Charles Miller por ter supostamente trazido o futebol para o Brasil não é unânime entre os autores pesquisados. Entretanto, o mito de “Charles Miller e suas duas bolas” é, sem dúvida, a representação dominante sobre a origem do futebol no Brasil, principalmente no âmbito da imprensa esportiva. Para uma contestação

2 No Rio de Janeiro, muitos dos maiores e mais “populares” clubes de futebol começaram, em fins do século XIX, como clubes de remo para a elite carioca de então, como o “Clube de Regatas Flamengo” ou o “Clube de Regatas Vasco da Gama”. Sobre a história dos clubes de futebol no Rio de Janeiro, ver MATTOS (1998).

desta versão, ver Meihy (1982). Uma vez introduzido no Brasil, o futebol foi se popularizando, e, em poucas décadas, já era um esporte de massas, com intensa participação das camadas populares, tanto dentro como fora de campo.

Roberto Da Matta (1982) considera que uma mesma atividade pode ser apropriada de formas diferentes por diferentes sociedades, como é o caso do futebol no Brasil, diferente do futebol praticado nos países europeus, por exemplo. Ele ressalta que, no Brasil, o futebol é sempre chamado “jogo”, o mesmo termo que classifica os chamados “jogos de azar”, como o também brasileiro “jogo do bicho”. Na Inglaterra, em comparação, existe uma distinção clara entre *sport* e *gamble*, indicando a separação entre os domínios do *agôn* e da *alea* (os jogos de competição e os jogos de azar, na classificação de Caillois (1990), limites que, “no social”, onde se colocam em cena questões estruturais e hierárquicas da sociedade brasileira, assim como em outros momentos igualmente ritualizados, como o carnaval e as chamadas “religiões afro-brasileiras”. Esses três elementos têm sido objeto de apropriações ideológicas diversas, no sentido de compor uma “identidade nacional”, na qual o futebol desempenha um importante papel, como princípio aglutinador do “povo brasileiro” na sua constituição como nação, principalmente após a Revolução de 1930 e a subsequente política cultural nacionalista de Getúlio Vargas (ver, nesse sentido, Ortiz, 1985).

Normalmente, o interesse dos brasileiros pelo futebol encontra-se dividido em torno da regionalidade decorrente da torcida a diferentes clubes. Os clubes de futebol simbolizam um pertencimento social com características específicas, demandando dos torcedores uma lealdade por toda a vida (“*Uma vez Flamengo, Flamengo até morrer...*”). Muitas vezes, os locutores esportivos se referem à torcida de um clube como “nação” (“nação colorada”, “nação rubro-negra”, etc., de acordo com as cores do clube), ressaltando este sentido de “comunidade reunida” em redor do pertencimento afetivo a um grupo, a um sentimento coletivo compartilhado, no caso, mediado pelo “time do coração”. Ressaltamos que apenas uma ínfima parte da torcida de um “time” tem um vínculo formal com o “clube”, na qualidade de “sócio”. Pertencer a uma torcida é muito mais uma questão afetiva (freqüentemente mediada na infância por relações familiares) do que uma relação institucional entre um clube e seus sócios.

Esse interesse é catalisado numa dimensão “nacional” quando está em campo a “seleção brasileira”. Este time de futebol especial realiza uma espécie de “unidade nacional”, por meio da superação das diferenças clubísticas em prol de um bem comum: o desempenho do “Brasil” perante outros “países”. Um exemplo recente desta superação das rivalidades locais pode ser visto na capa do jornal Zero Hora, de Porto Alegre, vei-

culado no domingo, 5 de agosto de 2001, no qual os técnicos Parreira, do Internacional e Tite, do Grêmio, posaram abraçados a Luiz Felipe (ex-técnico do Grêmio e então técnico da seleção), incentivando os torcedores gaúchos a superarem as diferenças e apoiarem a seleção brasileira em um jogo decisivo contra o Paraguai, pelas eliminatórias da Copa do Mundo de 2002. Os termos “Brasil” e “Paraguai” estão empregados no sentido metonímico que cotidianamente permeia a relação entre a “seleção nacional” e a “nação” ou o “país” (seja o “Brasil”, seja seu adversário). Boa parte da legitimação desta apropriação simbólica provém da imprensa esportiva, particularmente importante nos períodos de Copa do Mundo. Assim, é freqüente que, no discurso da crônica esportiva, a “seleção brasileira” venha a “representar” (no sentido mais metonímico do termo) o “povo brasileiro”. Simoni Guedes (1998, p. 20) ressalta esta apropriação simbólica da relação entre a “seleção brasileira” e o “povo brasileiro” por parte da imprensa esportiva:

Tratando-se da atuação da seleção brasileira de futebol, chega a ser impressionante o modo como se passa, sem nenhuma mediação considerável, da avaliação do time para a avaliação do povo. As vitórias da seleção nacional evidenciam a capacidade do povo brasileiro enquanto as derrotas são nada menos que denúncias de sua indignância.

De fato, em grande parte, esta ligação da cultura brasileira contemporânea com o “esporte bretão” se deve à bem sucedida participação brasileira na Copa do Mundo, torneio de futebol entre seleções nacionais, realizado a cada quatro anos, desde 1930, no qual o Brasil é o país com maior número de títulos e o único a participar de todas as edições. Eventos ocorridos em Copas do Mundo fazem parte de uma espécie de “passado mítico” da cultura brasileira contemporânea, como a histórica derrota para o Uruguai em pleno Maracanã, na partida final da Copa de 1950. Em uma Copa do Mundo, os participantes não são meros times de futebol, mas “seleções nacionais”, uma espécie de “encarnação simbólica” de cada nação participante do acontecimento. Assim, uma Copa do Mundo é muito mais do que um mero torneio de futebol: ela é uma chance de se colocar a própria nação em perspectiva comparada com o resto do mundo. Pelo menos no Brasil, a Copa do Mundo é considerada o apogeu do mundo dos esportes, sendo-lhe dada mais importância social do que à própria Olimpíada: afinal de contas, quem vence a Copa é, incontestavelmente, “o melhor do mundo”.

Salientamos que houve, a partir da Copa de 1998, uma mudança sensível na definição da realidade promovida pela imprensa esportiva a respeito da transferência de atributos da seleção brasileira para o povo brasileiro, aspecto ressaltado por Simoni Guedes. A vitória na Copa de 1994, após um longo período

de 24 anos sem um título em Copas do Mundo, promoveu uma rearticulação de significados nesta relação entre a avaliação da seleção brasileira e a avaliação do povo brasileiro. A conquista do tetracampeonato mundial de futebol, isolando o Brasil de seus concorrentes diretos no número de títulos conquistados (Alemanha e Itália têm no momento três títulos cada), representou uma espécie de “salvaguarda” contra a derrota. Na Copa de 1998, mesmo a derrota para a França na decisão do torneio não impediu a atribuição de significados positivos à seleção, como a “melhor do século” ou “campeã do século”. Um anúncio do canal de televisão a cabo *SPORTV*, veiculado no *Jornal da Tarde* da segunda-feira após a derrota, traduz perfeitamente este argumento: “*Tudo bem. Ninguém ainda é tetra.*” Mesmo com a derrota por 3 x 0 ainda está “tudo bem”, o Brasil continua a ser o “melhor do mundo”.

2 – A Definição da Realidade no Esporte-Espetáculo

Mediação e Definição da Realidade

Vivemos em um mundo de significados. A interpretação que o ser humano faz da “realidade” (no sentido de “mundo exterior” à mente humana) é sempre mediada pela cultura. Se considerarmos a cultura de um dado grupo como os “significados compartilhados” pelos membros deste grupo (de acordo com as concepções de Hall, 1997 e Geertz, 1978), depreendemos que a “noção de realidade” de cada indivíduo é social e culturalmente construída, estando vinculada à significação atribuída a esta realidade pelo grupo ou sociedade em cujo contexto este indivíduo se insere³. Os significados culturais organizam e regulam as práticas sociais, influenciam a conduta dos sujeitos em um grupo social e, assim, têm efeitos práticos e reais. A produção de sentido/significado é também a produção de cultura, que permeia todas as instâncias de produção, consumo e controle social em qualquer sociedade, simples ou complexa, exprimindo também a produção/reprodução de uma relação de poder, uma vez que atribuir significados implica “definir a realidade”. Esta dimensão de circulação de poder presente no ato de comunicação é evidenciada por Bourdieu (1983) ao referir-se à constituição social da chamada “competência lingüística” como uma instância de poder, o poder de “impor a recepção”.

A língua não é somente um instrumento de comunicação ou mesmo de conhecimento, mas um instrumento de poder. (...) Daí a definição completa da competência como o direito à palavra, isto é, à linguagem legítima como linguagem

3 Ver também, neste sentido, BERGER, P. e LUCKMANN, T. *A Construção Social da Realidade*. Petrópolis, Vozes, 1985.

autorizada, como linguagem de autoridade. A competência implica o poder de impor a recepção. (Bourdieu, 1983, p. 160-161)

Para ele, o ato de enunciação possui uma dimensão sociológica, posto que toda ação social é um ato de comunicação. Assim, quando alguém *fala*, o faz de algum lugar, com uma certa autoridade e dirigindo-se a alguém. Todas estas instâncias do ato de enunciação possuem uma dimensão social, que, na ótica de Bourdieu, tornam o discurso um instrumento de poder. Este poder se manifesta nas relações de força estabelecidas entre grupos que coexistem em uma mesma sociedade, cada qual manejando uma competência lingüística que lhe é correspondente.

Na nossa sociedade, este poder de definição da realidade presente no ato de enunciação está, em grande parte, localizado no discurso da mídia, de um modo mais explícito no chamado discurso jornalístico e de um modo mais sutil e simbólico no discurso publicitário. O discurso jornalístico tem características que fazem dele uma das maiores fontes de definição de realidade em nossa sociedade. Esta modalidade discursiva estipula, segundo Charaudeau (1983, p. 101), dois “contratos enunciativos”: um “contrato de autenticidade”, segundo o qual os eventos relatados devem ser “fiéis” à realidade (e, em caso de crônicas ou opiniões, devem ser “objetivas”) e um “contrato de seriedade”, uma espécie de “contrato moral” que liga o “sujeito informador” (o jornalista) a uma obrigação de transmissão das informações. Eis o porquê, segundo esse autor, de o nome do enunciador desaparecer atrás da maioria das notícias dos jornais (ou telejornais), sob a figura de um enunciador coletivo ou institucional, já que todos eles, supostamente fiéis a estes contratos, tornam-se desprovidos de subjetividade. É a assim chamada “neutralidade jornalística”. A confiança no discurso jornalístico e seu poder de definição da realidade fazem com que à imprensa seja concedido o epíteto de “quarto poder”, ao lado dos “três poderes” vinculados ao Estado (Executivo, Legislativo e Judiciário).

A Imprensa Esportiva

Dentro do campo discursivo jornalístico, uma modalidade específica, a locução esportiva, será abordada neste trabalho. A chamada “imprensa esportiva” pode ser caracterizada pela interpretação jornalística dos fatos relativos ao campo das práticas esportivas. Originalmente uma atividade para ser “praticada”, o esporte, tornou-se, com o surgimento e o crescimento da comunicação de massa, cada vez mais um “espetáculo” para ser “assistido”, visando a um consumo massificado. Essa incorporação do esporte pela indústria cultural gera um divórcio entre prática e consumo, já que não é necessário ter praticado um esporte para assistir a ele pela televisão e (numa espécie de “grau

zero da competência esportiva”) emocionar-se com a ansiedade pelo resultado. A veiculação dos eventos esportivos (nos quais os jogadores são, em geral, profissionais) gera um aumento no número de “leigos”, que necessitam “compreender” o que há para ser visto, criando, dessa forma, uma demanda por “comentaristas” (muito freqüentemente ex-jogadores) que, com sua competência específica no assunto, “traduzem” os lances do jogo em termos técnicos e táticos, reforçando, pela oposição aos “leigos”, o primado do profissionalismo.

Essa redução dos “não-iniciados” ao papel de meros consumidores dos eventos esportivos possui um aspecto político importante, conforme ressalta Bourdieu:

...não é apenas no domínio do esporte que os homens comuns são reduzidos ao papel de torcedores, limites caricaturais do militante, dedicados a uma participação imaginária que não é mais do que a compreensão ilusória da despossessão em benefício dos experts. (Bourdieu, 1983a, p. 145)

A mediação do acesso ao esporte e o conseqüente afastamento pessoal dos “torcedores” da prática esportiva em si também é analisada por Umberto Eco (1984, p. 220-26). Para ele, existem vários níveis de apropriação da atividade esportiva: o esporte em si, “jogado em primeira pessoa”, diferente de um esporte “elevado ao quadrado”, que é o espetáculo esportivo. O esporte tornado espetáculo engendra um esporte “elevado ao cubo”, que é o discurso sobre o esporte visto, o discurso da imprensa esportiva. Eco ainda fala de um esporte elevado “à enésima potência”, que é o discurso sobre a imprensa esportiva, como no caso dos “comentaristas” das páginas esportivas dos jornais. De modo crescente, o metadiscurso mediatizado engendra a definição de realidade nos fatos do campo esportivo. Mesmo no próprio estádio de futebol, é bastante freqüente que os torcedores que presenciam pessoalmente os fatos do jogo acompanhem os lances com um radinho de pilha colado ao ouvido, acrescentando à própria experiência a autoridade do discurso do locutor e dos comentaristas, “dizendo” (definindo) o que, afinal de contas, o espectador está vendo, ou seja, definindo a realidade.

A transmissão de um jogo de futebol pela televisão “mimetiza” esta experiência de estar no estádio com um radinho de pilha ao ouvido. As diferentes câmaras acompanham as jogadas (ou outros lances) enquanto a voz em *off* do locutor “diz” (define) o que está acontecendo. É evidente que as duas experiências são diferentes. No estádio, o torcedor experimenta o compartilhar de um mesmo evento com milhares de outras pessoas, torna-se massa, dissolve-se na “torcida” de seu time, enquanto em sua casa, assistindo à televisão, tal fenômeno social praticamen-

te não ocorre, salvo em circunstâncias muito especiais, como no momento de um gol, por exemplo. O ponto de vista também é diferente. Como ressalta Mauro Betti (1997, p. 33-4), para a televisão, o jogo acontece somente onde está a bola. Na transmissão de TV, ninguém tem a visão global do espaço de jogo que o espectador presente ao estádio tem. No início das transmissões de partidas de futebol pela televisão, uma única câmara fixa acompanhava, de longe, os lances, assemelhando-se, de alguma maneira (ao menos quanto ao ponto de vista fixo), à visão de um espectador presente ao estádio. Atualmente, dezenas de câmaras, fixas e móveis, espalhadas pelo campo, salientam diversos aspectos do jogo, construindo-o como narrativa, como uma metarrepresentação do evento esportivo. As imagens que vão ao ar são escolhidas conforme uma codificação própria do veículo (por exemplo, *replays* de um gol sob diversos ângulos), construindo, somadas ao relato do locutor, uma versão do ocorrido em campo.

Jornalismo e Subjetividade: a narração esportiva

Ao contrário do que ocorre no telejornalismo, entretanto, quando o apresentador lê o texto das notícias que passam no *teleprompter*, com o olhar fixo na direção da lente (e, como consequência, no olhar do telespectador), na narração de um jogo de futebol, o locutor fala o que está vendo no jogo. Sua imagem, quando aparece, é fora do tempo da partida. A locução, propriamente dita, é sempre acompanhada pelas imagens do que está acontecendo no campo. Mesmo recorrendo a codificações e jargões próprios desta modalidade discursiva, a obrigatoriedade de falar em primeira mão, em tempo real, abre um grande flanco para a manifestação da subjetividade do locutor, que se coloca como sujeito em sua fala, relativizando os rígidos controles institucionais sobre o discurso jornalístico (como a obediência aos chamados “manuais de redação e estilo”), que tentam, a todo custo, “esconder” a subjetividade do enunciador, “não recomendando” (proibindo?) que se usem determinados termos, que explicitariam juízos de valor ou posições pessoais do jornalista, como ressalta Antônio Fausto Neto:

Segundo as regras (...), o jornalista é destituído de subjetividade, não porque seja um ser pensante, não tenha desejo, mas porque não deve usar marcas lingüísticas que dêem conta destas suas possibilidades. (1991, p. 40)

Na transmissão de jogos de futebol, a maneira mais evidente de o locutor manifestar a sua subjetividade seria por meio da sua “torcida” pessoal por um dos times em campo. Em geral, ele evita demonstrar sua preferência por uma equipe, a não ser quando a transmissão visa a um público específico. Por exem-

plo, em um jogo entre Cruzeiro e Flamengo, transmitido por rádio apenas para Minas Gerais, não há problema algum no fato de o locutor “torcer” desbragadamente para o time mineiro (inclusive, todos os ouvintes que acompanharem a transmissão em Minas esperam isso dele). Em uma transmissão para todo o território nacional, como freqüentemente é o caso das transmissões de futebol na televisão, a “neutralidade” é a regra. Na Copa do Mundo, porém, todos os torcedores do País têm um mesmo time: a seleção brasileira, e não há problema algum na parcialidade do locutor.

O seguinte trecho, transcrito da narração de Paulo Stein, na Rede Manchete, a respeito do momento da entrada em campo das duas equipes é particularmente ilustrativo desta espécie de “parcialidade consentida”:

Existem momentos que ficam gravados na vida da gente. Fica na sua lembrança, na sua memória, no seu coração. Imagina a gente, que é tão torcedor quanto você, que é tão emotivo quanto você, que é tão brasileiro quanto você, e que tem ainda a possibilidade de, além de estar no estádio para ver a final, poder falar e gritar “gol” alto...

Juarez Soares, o “China”, comentarista do SBT, após a derrota, também evidencia a duplicidade de papel de jornalista e de torcedor, nos seguintes termos:

... há uma tristeza que a torcida brasileira, eu compreendo, tá sofrendo e nós todos aqui, evidentemente, porque somos jornalistas, né, e ademais de jornalistas somos torcedores da seleção brasileira, há evidentemente a tristeza que a gente entende.

A subjetividade dos locutores e comentaristas fica evidenciada em alguns “atos falhos” cometidos por eles nas transmissões pesquisadas. Por este termo, Freud (1970, p. 208-9) refere-se a lapsos de linguagem, esquecimentos ou perdas de objetos e outros pequenos “enganos” que ocorrem na vida cotidiana, e que “*exprimem impulsos e intenções que devem ficar ocultos à própria consciência, ou emanam justamente dos desejos reprimidos*” (Freud, 1970a, p. 36). Utilizamos aqui esta importante noção, oriunda do campo da psicanálise, *latissimo sensu*, para evidenciar alguns desses “enganos”. Por exemplo, ao falar do apoio da imprensa e da torcida francesas à sua seleção, Juarez Soares referiu-se às manchetes dos jornais franceses: “*Hoje todas as manchetes francesas diziam: “Allez, les bleus!” – “À frente, brasileiros!” – “À frente, franceses!” , perdão!*”

Durante a entrega das medalhas de prata aos jogadores brasileiros, pelo segundo lugar na competição, Luiz Alfredo, da Rede Record, também se “enganou”: “*O Primeiro-Ministro da França está vendo os brasileiros recebendo a taça, recebendo a medalha de prata.*”

Esses curiosos exemplos demonstram a possibilidade de manifestação subjetiva do enunciador (em princípio, um “jornalista”) nas locuções ao vivo de jogos de futebol.

Assim, livre de todas as peças à sua enunciação, o discurso do locutor de um jogo de futebol da seleção em uma Copa do Mundo torna-se uma fonte oral rara dentro do campo discursivo jornalístico, permitindo uma análise dos mecanismos de articulação de significado e, por conseguinte, de definição de realidade, não apenas dos fatos do jogo, mas de tudo o que de simbólico um jogo do “Brasil” representa para a sociedade brasileira.

Comentários sobre o método

Na Copa de 1998, a partida final entre Brasil e França teve, segundo dados do Ibope, uma audiência de 94% dos televisores ligados, somando todas as emissoras de televisão aberta que transmitiram o evento, a saber: Bandeirantes, Globo, Manchete, Record e SBT. Realizamos gravações em vídeo de todas essas transmissões. Relacionando o poder de definição de realidade característico da mídia e em especial da imprensa esportiva ao contexto deste jogo, no qual o Brasil foi incontestavelmente derrotado⁴, pretendemos, a partir da oralidade mediatizada dos locutores e comentaristas esportivos que narraram este evento, evidenciar os mecanismos discursivos que colaboraram na construção de uma versão hegemônica dos fatos desse jogo. Assistimos a cada uma das cinco transmissões de televisão aberta da partida final da Copa do Mundo e transcrevemos trechos da narração ou dos comentários acerca dos fatos do jogo, bem como, ao final deste, das interpretações para a derrota perante a seleção da França e das tentativas de “consolar” os oponentes pelo acontecido.

Em termos do poder de “definição de realidade”, existe uma relação direta entre este poder e o chamado “índice de audiência”, tendo o discurso (ou a versão) mais ouvido maior possibilidade de tornar-se hegemônico. Nesse sentido, o maior poder de definição da realidade esteve, na Copa de 1998, nas mãos da Rede Globo, que apresentou uma participação média na audiência de mais de 75% durante a transmissão dos jogos da seleção brasileira. A opção por assistir a todas as transmissões, entretanto, se deve à necessidade de ouvir todas as “vozes” envolvidas neste processo, de modo a construir um dado de fonte oral contextualizado. Analisar exclusivamente a narração de Galvão Bueno (locutor oficial da emissora) significa colaborar com este processo de hegemonia da Rede Globo no campo da mídia, visto que este procedimento ignora (ou melhor dizendo, “cala”) as vozes concorrentes, que, certamente, apre-

4 É oportuno lembrar que a derrota por 3 x 0 para a França foi a maior goleada já sofrida pela seleção brasileira em toda a história das Copas do Mundo.

sentam outras versões dos fatos transmitidos, definindo a realidade de outra maneira. Assim, abordar esta multiplicidade de pontos de vista permite a relativização das afirmações categóricas de um enunciador sem réplica, tornando possível uma visão crítica da definição de realidade proposta por todos os locutores e comentaristas.

Neste trabalho, tiveram “voz” todas as transmissões, desde a “todo-poderosa” Rede Globo, com seus 75% de participação na audiência (o que, projetado para o Brasil, representa cerca de 80 milhões de telespectadores), até a “pequena” Rede Manchete, com 1% da audiência neste jogo (o que representa menos de 1 milhão de telespectadores em todo o Brasil), além das Redes Bandeirantes (com cerca de 10% de participação média na audiência), SBT (cerca de 7%) e Record (cerca de 5%).⁵

Dada a grande difusão social das transmissões futebolísticas da Copa do Mundo no Brasil (segundo dados do Ibope, em média, mais de 102 milhões de pessoas assistiram a cada jogo da seleção brasileira), bem como a particular possibilidade de manifestação de subjetividade no contexto midiático, acreditamos que a análise de uma fonte oral desta ordem permita avançar além do mero plano informativo, para tentar compreender com quantas (e quais) palavras se constrói uma versão da realidade.

3 – A decisão da Copa do Mundo de 1998

Antecedentes imediatos

No dia 12 de julho de 1998, bilhões de pessoas em todo o mundo se prepararam para assistir à partida final da Copa do Mundo, entre Brasil e França. O Brasil, então detentor do título, era considerado unanimemente pela imprensa brasileira como o favorito, após vencer a seleção da Holanda nos pênaltis. À França eram atribuídas as vantagens de jogar “em casa” e o chamado “efeito Marselhesa”, uma vantagem psicológica, o brio despertado nos jogadores franceses (e o conseqüente temor provocado nos brasileiros) pela execução do famoso hino nacional francês por um estádio lotado de franceses. No que dependesse de futebol, o discurso jornalístico não deixava dúvidas: o Brasil era infinitamente superior, mesmo que a França tivesse feito uma campanha impecável. A campanha do Brasil, entretanto, havia sido irregular, sofrera uma derrota na primeira fase, e a seleção tivera dificuldades para vencer adversários considerados fáceis, como a Escócia e a Dinamarca. Contra a Holanda, um dramático empate no tempo normal e na prorrogação levou a

5 Todos os dados de audiência (inclusive projeções), utilizados neste trabalho, têm como fonte o Ibope (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística).

decisão para os pênaltis. Mas duas defesas de Taffarel classificaram o Brasil para a final e tornaram possível a conquista de um título inédito: o pentacampeonato mundial de futebol. Se a imprensa mostrava-se crítica com relação ao time de Zagallo durante a competição, após o jogo com a Holanda, o patriotismo mais desbragado invadiu os jornais, revistas e telejornais, contagiando as ruas. Um *outdoor* veiculado neste período dizia: “Está na hora dos franceses tomarem um banho”, fazendo tanto uma referência preconceituosa baseada no estereótipo acerca dos hábitos higiênicos dos franceses quanto aludindo à expressão “banho de bola”, significando uma derrota vexatória. Em outro, a chamada “o goleiro deles já está careca de medo” aludia à calvície do goleiro francês Fabien Barthez, considerada como efeito do medo de enfrentar a seleção brasileira. Vários comentaristas esportivos aludiram à partida entre Brasil e Holanda como a “verdadeira” final da Copa, ou seja, o jogo entre os dois melhores times, já que as equipes da outra chave (França e Croácia) não representavam uma real possibilidade de vencer a competição. Do dia 7 de julho (dia do jogo com a Holanda) ao dia 12, essa foi a tônica do discurso midiático, jornalístico e publicitário. Nos termos do jargão esportivo, um clima de “já-ganhou” tomou conta do País, versão dominante com relação à expectativa para o jogo final da Copa de 1998.

A Escalação de Ronaldo

Cerca de uma hora antes do início do jogo decisivo da Copa do Mundo, os locutores e comentaristas das diversas emissoras tiveram acesso à lista oficial da FIFA com os jogadores escalados para o jogo, titulares e reservas. Nesta lista, o nome de Ronaldo, centroavante titular da seleção brasileira, escolhido por duas vezes o melhor jogador do mundo, constava como reserva, tendo sido escalado Edmundo em seu lugar. A notícia surpreendeu todos os jornalistas, e as versões mais disparatadas foram aventadas para explicar o fato. Pouco tempo depois, uma nova lista de escalação foi divulgada, com Ronaldo como titular, sem maiores comentários. A dança das versões neste episódio demonstra, de modo muito claro, a construção de uma noção da realidade pelo discurso jornalístico. Quase ao mesmo tempo, dezenas de repórteres em campo tentavam obter qualquer razão para o que estava acontecendo, e cada emissora tinha a sua “explicação” para a misteriosa troca de nomes. Galvão Bueno, da Rede Globo, creditava o episódio a um “terrível engano ou uma brincadeira de mau gosto.” O repórter de campo da Rede Bandeirantes aventava três versões que ele recolhera próximo à delegação do Brasil (que estava trancada nos vestiários, incomunicável): um misterioso remédio que Suzana Werner (então namorada de Ronaldo) teria dado ao jogador ao chegar ao estádio, o que poderia criar problemas no exame antido-

ping, um engano “puro e simples” ou a demora no resultado do exame pela junta médica que liberou o jogador antes de chegar ao estádio. Segundo Sílvio Luiz, locutor do SBT, “deve ter sido a burrice de algum funcionário da FIFA”. O império da boataria chegou mesmo ao Brasil, onde um apresentador do SBT definiu a questão da escalação de Ronaldo em termos de “certeza”, insinuando mesmo uma intencionalidade possível, uma espécie de “golpe” de efeito moral contra os adversários:

Já temos uma certeza: o que houve foi um erro do Zagallo no preenchimento da ficha. Se foi um erro pela emoção, tudo bem. Se foi um erro de cabeça pensada, foi um golpe maravilhoso.

O episódio e suas risíveis versões concorrentes (aliás, nenhuma foi confirmada) evidencia uma característica do discurso jornalístico: nenhum fato jornalístico pode ficar sem explicação. As causas dos acontecimentos devem ser sempre conhecidas. Esta necessidade tornou-se mais imperiosa, porque todas as emissoras estavam transmitindo o evento ao vivo, e fez com que *qualquer* explicação cumprisse esta função, permitindo que boatos fossem veiculados à guisa de causa do fato. A propósito, o complexo episódio, envolvendo a escalação de Ronaldo, continua até hoje sem uma explicação convincente, apesar das várias reportagens e programas especiais sobre o assunto. Um ano após a Copa, em junho de 1999, a revista “Placar” publicou uma reportagem (anunciada na capa) sobre o tema, significativamente intitulada “A VERDADE”, título que demonstra tanto o poder/desejo de definição da realidade por parte do discurso jornalístico quanto a descrença no campo da recepção decorrente das (muitas) versões apresentadas como “a verdade” sobre o episódio.

Galvão Bueno e a Conspiração da Arbitragem

Resolvido (aparentemente) o problema com a escalação de Ronaldo com a apresentação da segunda súmula, os locutores das diversas emissoras passaram a comentar as circunstâncias do jogo propriamente dito, como o público presente ao estádio, especulações sobre o resultado e o currículo dos árbitros, entre outros assuntos. Ao falar do trio de arbitragem, Galvão Bueno, o locutor da Rede Globo, declarou a sua suspeita sobre a escalação do árbitro marroquino Said Belqola, devido aos “fatos” de ele (entre outros idiomas) falar francês e de sua família residir na França, insinuando que, se ele apitasse “contra” a França, seus filhos sofreriam represálias na escola. Tal temor faria com que ele fosse parcial, de modo a prejudicar a seleção brasileira. A suspeita de Galvão Bueno também recaiu sobre o auxiliar (conhecido como “bandeirinha”) inglês Mark Warren, de modo ainda mais confuso. Segundo o locutor, o simples fato de o auxiliar ser inglês já era motivo suficiente para a desconfiança, como

manifestou no caso de uma bola dividida em uma cabeçada entre o jogador brasileiro Leonardo e o defensor francês. A bola saiu pela linha de fundo e foi interpretada como tiro de meta (Galvão Bueno achou que deveria ter sido escanteio):

Não tô falando? Said Belqola, o árbitro, e esse inglês, Mark Warner (sic). Se esse inglês tiver, por exemplo, o mesmo sentimento que o locutor da TV inglesa que a gente andou vendo aqui no jogo Brasil e Holanda, ele parecia holandês desde nascença. O que gritava, o que esbravejava, o que torcia para a Holanda, no sentimento europeu. Vamos ver como é que as coisas acontecem daqui pra frente.

Alguns minutos depois, uma bola, a meia altura, foi dividida pelo lateral francês Lizarazu, com a cabeça, e pelo lateral brasileiro Cafu, com o pé. Mark Warren, ao lado do lance, interpretou a jogada como uma falta chamada de “jogo perigoso” por parte do brasileiro, dando vantagem ao jogador francês. Foi o suficiente para desencadear outra catilinária de Galvão Bueno:

Esse bandeira inglês, Arnaldo, tá com toda pinta de estar mal-intencionado. (...) Não tô gostando desse bandeira inglês, não. Dá toda pinta de estar mal-intencionado, esse Mark Warner (sic), bandeira inglês. Duas intervenções dele muito claras: um escanteio que ele deu tiro de meta, e essa bola agora em que ele forçou a barra, deu uma jogada perigosa que não existiu.

Alguns minutos depois deste lance, a televisão francesa mostrou imagens em câmara lenta, em que o técnico brasileiro Zagallo gesticulava e gritava, mas sem áudio. Bueno “dublou” a fala do técnico:

Olha o Zagallo aí, o Zagallo tá falando com o bandeira, tá falando no bandeira, você viu ele ali, falando com todo apetite no bandeira inglês, Mark Warner (sic) é o nome dele!

Na verdade, o nome dele é *Warren* (e não “Warner”), e *nada* na imagem apresentada indicava o que quer que fosse de alusão ao “bandeira” ou a qualquer outro tema. Era simplesmente uma imagem em câmara lenta do técnico gesticulando e gritando, como em outros momentos foi mostrada a do técnico francês, Aimé Jacquet. A imagem é a mesma, mas a sua interpretação articula a ela um sentido que define uma versão da realidade à qual a imagem acaba se referindo.

É oportuno comentar que nenhum dos demais locutores deu maior atenção ao lance entre Cafu e Lizarazu, nem ao anterior. Por exemplo, Sílvio Luis, do SBT, comentou a seqüência da jogada, na qual o jogador francês, desequilibrado após a disputa da bola, caiu sobre a bandeirinha (flexível) de escanteio: “*Tá vendo a vantagem da bandeirinha não ser de madeira? Senão o rapaz tinha se machucado...*”

Outra comparação que contradiz a versão de Bueno acerca da interpretação da disposição da arbitragem para com a seleção brasileira é o comentário de Juarez Soares (SBT) sobre a atuação do mesmo Mark Warren em um impedimento duvidoso do ataque francês no segundo tempo: “*Esse bandeira daqui é nosso! Pode ficar sossegado, porque ele é. Ôpa! Pode ficar sossegado!*” Na seqüência do jogo, os gols da França mudaram a ênfase de Galvão Bueno sobre a “conspiração” da arbitragem, e, até o fim, ele não falou mais no assunto.

O jogo

Um breve resumo do jogo decisivo da Copa de 1998 ajudará a situar o contexto discursivo dos locutores e comentaristas. Ele esteve equilibrado até os 27 minutos do primeiro tempo, quando, em uma cobrança de escanteio, o atacante francês Zidane fez 1 a 0 para a França. No final do primeiro tempo, aos 46 minutos, Zidane, em outra cobrança de escanteio, ampliou o marcador: 2 a 0. No segundo tempo, a seleção brasileira atacou o tempo todo, mas sem sucesso. No final do jogo, a 47 minutos, um rápido contra-ataque resultou no terceiro gol da França, com Petit fazendo 3 a 0, completando o escore.

Até o primeiro gol da França, o discurso dos locutores aludia a um jogo equilibrado, com uma certa vantagem dos brasileiros, apesar de a França se mostrar mais consistente no ataque.

É natural que a França venha para cima no começo do jogo. (...) Está ainda meio assustado o time brasileiro com o grito da torcida francesa, mas esse nervosismo no início é absolutamente normal, o Brasil joga na casa do adversário. (...) O negócio é botar pressão pra cima deles, fazer essa camisa amarela crescer, que aí eles sentem! (Galvão Bueno, Globo, 5', primeiro tempo)

O Brasil tá começando a botar os nervos no lugar. Aquela euforia do time francês parece que baixou um pouco. (Sílvio Luis, SBT, 15', primeiro tempo)

Uma coisa a gente percebe: a seleção brasileira tem tranquilidade para tocar a bola. (Paulo Stein, Manchete, 16', primeiro tempo)

Vai bem a seleção, vamos tomando conta do jogo. (...) Cada vez vai se acertando mais a seleção brasileira. (Luciano do Valle, Bandeirantes, 19', primeiro tempo)

Uma jogada perigosa do ataque brasileiro a 20' do primeiro tempo aumenta o otimismo do discurso dos locutores:

Barthez falhou! O Bebeto ia pedindo o gol, porque a bola ia escapando da mão do Barthez em cima da linha! Esse goleiro está louquinho pra entregar essa Copa do Mundo! Escre-

vam aí o que eu estou dizendo: ele está louquinho pra entregar essa Copa do Mundo! (Galvão Bueno)

Tá começando a abrir, esse francês, tá começando a abrir, esse goleiro francês! (Sílvio Luis) [Juarez Soares, na sequência:] *O time da França é fraco. Se o Brasil tivesse um pouquinho mais de entrosamento e confiança, o Brasil já era pra ter feito o gol.*

O primeiro gol da França, aos 27' do primeiro tempo, começa a mudar o tom do discurso dos locutores e comentaristas com relação ao desempenho da seleção, em particular no aspecto da atribuição individual da "culpa" pelo gol ao jogador brasileiro Roberto Carlos, que cedeu um escanteio, quando teve a chance de jogar para a lateral. Da cobrança do escanteio resultou o gol:

A França faz o gol, a situação fica mais difícil, mas ainda tem um século de jogo ainda, e o Brasil quando joga atrás, é um time que cresce muito. Quando tá 0 a 0, fica naquele nhém-nhém-nhém. Tomou o gol, você vai ver que o Brasil vai crescer e vai pra cima da França. Uma besteira do Roberto Carlos, pra que fazer aquela besteira que ele fez lá no escanteio? (Juarez Soares)

Copa do Mundo é coisa séria! Final de Copa do Mundo é coisa muito séria! Não é lugar de gracinha e de malabarismo! Na tentativa de malabarismo, em vez de lateral, pintou um escanteio, o que aconteceu? Cabeça de Zidane, bola no chão, gol da França. (Galvão Bueno)

A 32 minutos, um violento choque entre o atacante Ronaldo e o goleiro Barthez (considerado acidental por quase todos os locutores) foi descrita como uma agressão torpe do goleiro francês pelo locutor Luiz Alfredo, da Rede Record:

E ele não aliviou não, o Barthez, hein? Esse mascarado desse goleiro francês não aliviou, não. Olha depois como ele ainda dá uma empurrada no estômago do Ronaldinho...

O encontro dos dois foi puramente casual. (Paulo Stein)

No último minuto do primeiro tempo, o segundo gol da França, em circunstâncias quase idênticas às do primeiro, refreou o otimismo dos locutores:

Está irreconhecível a seleção brasileira! (Luciano do Valle)

Já vi essa seleção brasileira crescer em situações difíceis. Já vi essa seleção brasileira crescer pra cima da Itália, perdendo por 2 a 0, virar jogos importantes. Agora, andar assim de cabeça baixa, sair de cabeça baixa desse jeito, não ter gente que vá buscar a bola dentro do gol, que pegue a bola, que traga pro meio, que grite, que diga: "vamos lá, vamos

fazer!, Desse jeito, saindo de campo assim, dessa forma, a coisa fica muito complicada, porque é preciso é muita raça, é preciso é muita garra, é preciso é muita vontade para poder virar o jogo que se está perdendo de 2 a 0. Tocando bola daqui pra lá, dando bicicleta e fazendo graça não se vira jogo nenhum, e muito menos final de Copa do Mundo quando se está perdendo de 2 a 0. (Galvão Bueno)

No segundo tempo, o ataque constante do time brasileiro fez com que voltasse o otimismo abalado pelo placar:

É uma final de Copa, tudo é possível, são detalhes... (...) O time da França está todo apertado, ali, todo apavorado, o Aimé Jacquet manda o time sair. (Luciano do Valle, 1', segundo tempo)

Eles tão realmente encurralados com a pressão do Brasil no segundo tempo. (Sílvio Luis, 3', segundo tempo)

Fico triste de não ver uma camisa em verde-amarelo se mexendo no estádio. Na hora em que o Brasil tá apertando, que tá indo pra cima. E o Roberto Carlos tá aí: "vamo, vamo!" Pedindo, pedindo garra, e só o torcedor francês que está se manifestando no estádio. (Galvão Bueno, 25', segundo tempo)

A torcida francesa sente que a sua seleção está em apuros. (Luciano do Valle, 25', segundo tempo)

À medida que o tempo vai passando, e o tão esperado gol da seleção brasileira não acontece, a esperança começa a dar lugar à resignação, buscando salientar algum aspecto positivo possível naquelas circunstâncias:

Mesmo que não consiga, o Brasil é valente, é o único a ser tetracampeão no final deste século, mas ainda busca o penta. (Galvão Bueno, 35', segundo tempo)

Pelo menos, viu, Ratinho, tem dois sorteios depois do jogo, um caminhão e uma casa no valor de 50.000 reais. (Luiz Alfredo, 40', segundo tempo) [Ratinho responde na seqüência:] Pois é, viu, eu queria falar procê, eu ia falar: "grande merda!", mas eu não vou falar, né?

O Djorkaeff tá desesperado, você vê, tá 2 a 0 e ainda tá desesperada a França, você vê o respeito que a França tem pelo Brasil. Estão desesperados, querendo que acabe o jogo. (Luciano do Valle, 46', segundo tempo)

[Com relação à mesma imagem em que Luciano do Valle viu o "desespero" dos franceses, Luiz Alfredo comentou:] *...começam a se abraçar e a comemorar os jogadores franceses.*

Quando o jogo terminou, alguns segundos após o terceiro gol da França, todos os locutores e comentaristas fizeram suas avaliações a respeito da partida e de suas conseqüências, procurando, de alguma maneira, "consolar" o telespectador, en-

quanto as imagens mostravam os jogadores brasileiros aos prantos, desolados, sentados no gramado, contrastando fortemente com a transbordante alegria dos jogadores e da torcida francesa.

Palavras de consolo

Milhões de torcedores em todo o Brasil ficaram decepcionados com o resultado do jogo, em grande parte devido à expectativa criada em torno do mesmo pelo discurso da mídia. Tanto no discurso publicitário quanto na opinião dos “especialistas”, a imprensa esportiva, desde a suada vitória nos pênaltis sobre a Holanda, decidira que o jogo contra a França ia ser fácil. O comentarista da Rede Globo, Arnaldo César Coelho, chegou a falar em “goleada” do Brasil pouco antes da notícia da ausência de Ronaldo tumultuar o discurso da imprensa. Frente à expectativa frustrada, enquanto a televisão francesa mostrava a festa de seus campeões, cada locutor ou comentarista tratava de, em longas falas, “consolar” a audiência de diversas maneiras.

Uma estratégia de consolo muito adotada foi a de comparar a seleção com outras grandes seleções que não chegaram à final. Galvão Bueno nem esperou o jogo acabar: a 41 minutos do segundo tempo, já começou a deixar de narrar o jogo para “contar uma história”.

É muito importante já ir contando aqui uma história. Que o importante, realmente, todo mundo quer é vencer, é claro. Mas numa Copa do Mundo, quantos ficaram pelo caminho. A Argentina que ficou, a Inglaterra que ficou já nas oitavas, a Espanha que sequer passou da primeira fase, a Inglaterra que ficou nas oitavas-de-final. Depois, nas quartas-de-final, nós tivemos a Argentina caindo pelo caminho, a Itália caindo pelo caminho nas quartas-de-final, a Holanda ficou na semifinal, e o Brasil chegou pra jogar essa final contra a França, no detalhe de dois gols sofridos em cobranças de escanteio. Isso não quer dizer que a seleção brasileira – é claro – jogou bem? Não, não jogou bem. Está ganhando o título? Não, é claro, não está ganhando. Mas isso não quer dizer que a seleção brasileira, de repente, passe de uma seleção de heróis pra uma seleção de covardes ou de fracos. Longe disso. Isso não existe. (...) Ninguém vira de herói pra bandido de uma hora pra outra porque perdeu o jogo. Continua a minha opinião: foi valorosa, pode não ter sido brilhante, mas foi valorosa, teve méritos pra chegar à final e foi valente na final a seleção brasileira.

Em seguida, Galvão Bueno credita à seleção brasileira o resultado de uma bem-sucedida construção de audiência por parte da mídia. A seleção, é claro, fez sua parte, jogou futebol e venceu vários jogos, mas o “incêndio do país” deve-se à definição de realidade perpetrada pela mídia, mais do que a uma campanha “empolgante” do time brasileiro.

Pode não ter sido fenomenal a campanha brasileira, mas como incendiou o País, como animou o torcedor, como fez a festa aqui na França, e o Brasil chega à grande final, os franceses estão esperando aí pra comemorar.

A sombra da outra derrota brasileira numa final de Copa do Mundo, em 1950, também se fez sentir, embora ela seja sumariamente negada pelo locutor da Rede Globo:

É um esporte, se ganha, se perde. Tira 50, quando era um torneio, que chegamos ali com o Uruguai em chance de decidir, depois disso, o Brasil foi a cinco finais, ganhou quatro, conhece a derrota pela primeira vez numa final, e a derrota às vezes traz muito ensinamento. Façam festa, franceses, vocês merecem. Pra seleção brasileira, a gente teria que dizer: [Pausa] Valeu, Brasil, valeu! [Entra em cena um VT previamente editado para veiculação em caso de derrota. As imagens mostram cenas das campanhas vitoriosas do Brasil em Copas do Mundo, e no final, cenas de um jogo de futebol de várzea] Locução: Valeu, Brasil! A imagem que fica do nosso futebol é essa: afinal, somos os melhores do século. Seremos sempre o país do futebol. Bola pra frente! A Globo é mais Brasil!

Percebemos, no encadeamento da fala de Galvão Bueno, o ponto de chegada previamente determinado, a “deixa” para a entrada do VT já editado. Com toda certeza, se o Brasil tivesse vencido, outro VT já estava pronto para ir para o ar, com uma outra “deixa” já anotada para o locutor. Quando a locução em *off* fala em “imagem que fica”, refere-se também à definição da realidade, na impressão causada aos “outros”, os demais países do mundo, pelo “nosso” desempenho no campo de futebol. A incorporação metonímica do “povo brasileiro” a seus jogadores fica evidenciada no uso da primeira pessoa do plural, em flexões do verbo “ser”: “somos” e “seremos”.

Luciano do Valle, em sua fala, deixa praticamente de lado o futebol e aponta para o “amadurecimento” da torcida, metonímia do povo brasileiro, em evolução rumo ao que ele chama de “um novo Brasil”:

A torcida brasileira num comportamento exemplar, mostrando que o brasileiro amadurece a cada dia que passa. É um novo Brasil. Em todas as reações, é um novo Brasil. Espero que, no nosso País, a gente tenha calma suficiente para entender, pra esfriar a cabeça. Que ganhar sempre, é impossível, e, nessas derrotas, muito honrosas, porque, afinal de contas, chegamos à final da Copa, aqui passaram 32 seleções e só duas chegaram à final e, nessas duas, estava o Brasil, entre as duas estava o Brasil. Então é isso que a gente tem que ter, cabeça fria, no lugar, porque o que vale é o gesto, a compreensão e o lado esportivo.

Notamos, nessa fala, também o motivo da honra, que se assegura não ter sido perdida, além do apelo ao chamado “espírito esportivo”, recorrendo à racionalidade para manter uma atitude serena frente à derrota, quando fala em “compreensão”, “cabeça fria” e “no lugar”. O apelo à racionalidade (nesse caso, uma espécie de antítese da “paixão”) e a definição assertiva de que a “honra nacional” não foi ameaçada, bem como o apelo ao espírito esportivo também estão presentes na fala de Juarez Soares, comentarista do SBT. Ele procurou desinvestir a seleção brasileira dos atributos simbólicos da nacionalidade, tratando-a apenas como um time de futebol, “racionalizando”, desta maneira, a questão:

O Brasil perdeu. Perder um jogo de futebol, uma Copa do Mundo é motivo de tristeza para qualquer país, ainda mais o País nosso, que é o país do futebol. Mas não é motivo de catástrofe, de vida e morte. Eu sou daqueles que participa da idéia de que o Campeonato Mundial de Futebol e o futebol não é a pátria de chuteiras. É um campeonato, onde se ganha, se perde e se empata. O Brasil nesse campeonato perdeu duas partidas, empatou uma e ganhou as outras. (...) Se nós considerarmos que um vice-campeonato é honroso para qualquer seleção, o segundo lugar é uma posição digna para a seleção brasileira, por que não? Nós, brasileiros, é que não estamos acostumados com isso, mas eu acho que esta Copa mostrou que a gente precisa se acostumar de saber que chegar em segundo lugar sempre é um motivo de honra, evidentemente. (...) Essa mensagem, se me fosse permitido, nessa conversa, mais do que uma mensagem para a torcida brasileira, é dizer isso: não há nenhum motivo para desespero, não houve nenhum terremoto, né, a nossa nacionalidade, a nossa brasilidade não foi afetada em absolutamente nada. O Campeonato Mundial é um campeonato mundial de es-por-te, onde o Brasil chegou em segundo lugar e ponto final.

Luiz Alfredo, locutor da Rede Record, optou por fazer do elogio ao adversário o mote de sua fala, relacionando diretamente o jogo de futebol à própria essência da nacionalidade (ao contrário da argumentação anterior):

A França tem mais de mil anos de diferença em relação ao Brasil, nós somos um país jovem, nós precisamos construir muito o Brasil, na base da liberdade, da igualdade e da fraternidade. Não só na Copa do Mundo, não só na Copa do Mundo, a gente tem capacidade pra isso. (...) Eles tiveram a humildade de aprender futebol com a gente, nós temos que ter a humildade de aprender com eles a sermos uma grande nação, e nós vamos ser.

Ao atribuir um significado para a derrota, o locutor não deixa de mostrar uma contradição entre o discurso “consolador”, de que “ser segundo lugar também é bom” e outro, que credi-

tamos ser mais próximo do sentimento do locutor, de que “perder é muito ruim”. Aqui, a derrota é vista como um trauma, um ferimento (talvez na “honra nacional”), do qual o locutor espera que o futebol brasileiro se recupere:

O futebol brasileiro vai se recuperar desse vice-campeonato. [Breve pausa] É uma conquista, de uma certa forma...

Já Paulo Stein, da Rede Manchete, fez da exaltação dos aspectos educativos e morais do “mundo encantado” do esporte e sua relação com a condição humana o centro de sua fala, louvando a integração das diferenças promovida pela Copa do Mundo, evitando falar do jogo recém-terminado e também da seleção brasileira. Como se diz cotidianamente, “desconversou”:

O esporte é um mundo encantado, que nos ensina a ganhar e nos ensina a perder, que torna o homem mais compreensivo, que torna o homem mais ser humano, que torna o homem mais voltado pra dentro de si, mais voltado pro comportamento da humanidade. É o entrelaçamento de ideologias, de raças, de religiões. Nós vimos mesmo, nesta Copa do Mundo, o confronto entre Estados Unidos e Irã. Quem diria? Só o esporte é capaz disso. De colocar amistosamente, dentro do campo, dentro de uma quadra, antagonistas de religiões, de idéias e encontrar nesse convívio uma imensa alegria.

Essa fala, ela mesma fortemente carregada de conteúdo ideológico (como as demais, diga-se de passagem) vai “consolar” o telespectador ao demonstrar a trivialidade da recente derrota quando vista das alturas do “mundo encantado” do esporte, louvável e altruísta, que “humaniza” o próprio homem, sendo o convívio lúdico com o “outro” uma atividade que possibilita uma “imensa alegria”. Ora, nessa perspectiva, o que são meros 3 a 0?

4 – Para terminar

A leitura dos dados provenientes das locuções esportivas da partida de futebol considerada neste artigo aponta para algumas direções a respeito das representações veiculadas pelos locutores em sua definição da realidade acerca dos fatos do jogo. Em primeiro lugar, a evidente parcialidade (assumida, inclusive) deste discurso, que o distancia dos cânones da chamada “neutralidade jornalística”. Essa parcialidade se manifesta no enfoque dado aos fatos do jogo: em caso de qualquer possibilidade de dúvida ou ambigüidade, o enunciador “vê” (e, na qualidade de locutor, “fala”/“define”) uma conspiração estrangeira contra o “nosso” time. O fato de os demais locutores nada dizerem so-

bre tais “conspirações” apenas confirma o caráter eminentemente subjetivo de tal definição da realidade.

Em segundo lugar, a motivação e o favoritismo do Brasil para este jogo foram, em grande parte, construídos pela mídia, visando (como de praxe) a otimizar o índice de audiência, que reverte imediatamente em lucro para as emissoras. Assim, a expectativa inicial de uma vitória por goleada teve de ser manejada minuto após minuto sob a forma de um otimismo que começou a tropeçar na confusão gerada pela notícia da não-escalação de Ronaldo, a seguir seu desmentido, em uma dança de versões concorrentes e contraditórias que, ao chegar a hora do jogo, não permitia mais arroubos de ufanismo. Durante a partida, o otimismo foi esfriando, e, articulados aos fatos do jogo, os discursos dos locutores foram passando da confiança e do otimismo absolutos até a reserva e a resignação, no final da peleja. Notamos que, em nenhum momento, qualquer dos discursos resvalou para a acusação e a culpabilidade, a não ser, talvez, apontar o jogador considerado culpado em algum lance, mas jamais se criticou a seleção brasileira ou o técnico Zagallo (durante o jogo, é claro; posteriormente, a imprensa não poupou ninguém). Afinal, estavam todos comprometidos com as palavras ditas no jogo anterior, em que Zagallo fora incensado e os jogadores, idolatrados.

Consumada a vexatória derrota, a maior de todos os tempos, restou aos locutores, transmitindo, ao vivo, a festa da vitória adversária o dever auto-impingido de “consolar” os telespectadores. Cabe aqui uma exposição dos principais argumentos empregados para este “consolo”. A questão da “honra nacional” foi a tônica de várias das falas, que garantiram unanimemente que esta em nada havia sido abalada, em termos, como “respeito”, “brasilidade” e “derrota honrosa”. Esse argumento se articula com a relação freqüentemente estabelecida entre a seleção brasileira e a nação brasileira, ou o “Brasil”, sendo este time de futebol uma espécie de “metonímia” da nação, outro motivo freqüente nas falas analisadas, que se referem a um projeto nacional em constante evolução, que o futebol brasileiro representa, referido, por exemplo, quando se fala que “é um novo Brasil” ou em “aprender a sermos uma grande nação”. A dimensão passional da nacionalidade, que o futebol representa, em outro argumento utilizado, deve ser negada, justamente separando-se o “nacional” do “mero jogo”. Nesse sentido, apela-se para a racionalidade como possibilidade de distanciamento do sofrimento, nega-se o envolvimento afetivo com o esporte, a paixão do jogo, quando se fala em “esfriar a cabeça”, “manter a cabeça no lugar” e em “compreensão”. Igualmente as negações da magia do jogo: afinal de contas, é apenas um jogo de futebol, “um campeonato de es-por-te”, com as sílabas bem separadas, para ficar bem claro. Outra linha de argumentação que complementa essa

é o apelo ao “espírito esportivo”. De acordo com os ideais de nobreza desinteressada (como os ideais “olímpicos” do Barão de Coubertin), deve-se jogar lealmente, ser humilde na vitória e sereno na derrota, afinal de contas, “o importante é competir”. Este apelo à “nobreza” dos ideais esportivos, manifesto por um certo “desinteresse” (um “desinvestimento” de paixão) é apontado por Bourdieu como “uma dimensão fundamental do *ethos* das ‘elites’, que sempre se vangloriaram de desinteresse e se definem pela distância eletiva (...) em relação aos interesses materiais” (Bourdieu, 1983a, p. 139). Essa lógica olímpica “consola”, uma vez que distancia o evento em questão, fonte de sofrimento, ao colocá-lo em perspectiva com coisas “mais nobres”, como a “humanidade”, o “entrelaçamento de raças, ideologias e religiões”, promovidas pelo esporte. Finalmente, o grande consolo: somos os melhores do século. Ressaltamos que a organização do futebol como o conhecemos hoje tem pouco mais de cem anos, e que a Copa do Mundo (torneio que permite “provar” essa afirmativa) só começou a ser disputada em 1930. Nessa perspectiva, ser “o melhor do século” equivale a ser “o melhor de todos os tempos”. Graças ao título mundial de 1994, fomos salvos da derradeira humilhação: ser superados no número de títulos mundiais. Um anúncio publicitário veiculado nos jornais na segunda-feira, após a derrota, afirma, nesse sentido: “Tudo bem. Ninguém ainda é tetra.” Este título foi, na verdade, o grande relativizador, o lastro derradeiro da frágil auto-estima nacional manifesta nas locuções analisadas. A vitória de 1994 foi acionada como o nosso grande princípio identificador. Graças a este título, a voz em *off* da Rede Globo pode afirmar, em seu tom algo profético – e um tanto assustador:

“SEREMOS SEMPRE O PAÍS DO FUTEBOL!”

Referências bibliográficas

- BERGER, P. e LUCKMANN, T. *A Construção Social da Realidade*. Petrópolis, Vozes, 1985.
- BETTI, M. *Violência em Campo* – dinheiro, mídia e transgressão às regras no futebol espetáculo. Ijuí: Editora Unijuí, 1997.
- BOURDIEU, P. A Economia das Trocas Linguísticas. In: *Sociologia* (org. Renato Ortiz). São Paulo: Ática 1983.
- _____. É Possível Ser Esportivo? In: *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983a.
- CAILLOIS, R. *Os Jogos e os Homens*. Lisboa: Edições Cotovia, 1990.
- CHARAUDEAU, P. *Langage et Discours* – éléments de semiolinguistique Paris, Hachette, 1983.
- DA MATTA, R. (Org.) Esporte na Sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: _____. *Universo do Futebol*. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.

ECO, U. A Falação Esportiva. In: *Viagem na Irrealidade Cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

FAUSTO NETO, A. *Mortes em Derrapagem*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991.

FREUD, S. A Psicopatologia da Vida Cotidiana. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1970. Vol. VI.

_____. Cinco Lições de Psicanálise. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1970a. Vol. XI.

GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GUEDES, S. L. O Povo Brasileiro no Campo de Futebol. In: *O Brasil no Campo de Futebol*. Rio de Janeiro: EDUFF, 1998.

HALL, S. *Representation – Cultural Representations and Signifying Practices*. London: Sage Publishers/The Open University, 1997.

MEIHY, J. C. (org). *Futebol e Cultura: coletânea de estudos*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1982.

ORTIZ, R. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DEBATE, APÓS IHU IDÉIAS DO DIA 20.11.2003

Marville Taffarel: *Diz-se por aí que o gaúcho não gosta de futebol, que gosta do time dele e de disputar, isto é, se houver um jogo apenas de espetáculo, não é do que nós gostamos. A questão é ver o time jogando e se possível ganhar de qualquer maneira. Isso é verdade?*

Prof. Édison Gastaldo – A questão do futebol no Rio Grande do Sul é realmente muito controversa. Na copa de 2002, isso ficou evidente, quando, pela primeira vez, havia um técnico identificado com o Rio Grande do Sul. Eu não sei dos demais técnicos da seleção, mesmo que tivessem nascido no Estado – parece que o Cláudio Coutinho era gaúcho. Mas nunca houve uma identificação, por exemplo, de vê-lo de bombacha, tomando chimarrão... Me parece que não. Mas a figura do Felipão é emblemática do que se chama de futebol gaúcho e que, muitas vezes, se opõe ao futebol brasileiro. Na crônica esportiva, isso fica evidente quando o futebol gaúcho é freqüentemente associado ao futebol europeu, ou talvez pior, ao futebol platino: o futebol, que é feito de raça, de quebrar a canela do adversário, de jogar em campo enlameado, debaixo de chuva e de ganhar porque carregou a bola. Enfim, chutões gol adentro, ganhando de 1 a 0, de preferência. Então, naquela época em que o Grêmio estava bem, em 1995-96, o Felipão era o técnico e ganhava de todos os times, foi bicampeão da Libertadores. Mas havia muita resistência. Um cronista de São Paulo disse: “O futebol do Grêmio é a antítese de Garrincha”, que é o jogador-síntese do futebol-arte. Garrincha é a personificação do futebol-arte. Quando é pra passar a bola, ele não passa, ele vai lá e dribla... um, dois, três e quatro... e entra com bola e tudo dentro do gol. Esse é o futebol-arte. Hoje em dia, um jogador como ele iria levar muitas faltas. Mas o ponto é que o futebol do Rio Grande do Sul é visto pela crônica do centro do País como um futebol meio tosco, meio rude e que tem o seu valor na bravura dos jogadores. Ora, se a gente for pensar um pouco sério nisso, o futebol do Rio Grande do Sul é como qualquer outro do Brasil, porque os jogadores nasceram, um em Maceió, outro em Brasília, etc. E na copa de 2002, o jogador Lúcio era tido como um jogador gaúcho, só que nasceu em Brasília. E ele jogou no Internacional uma vez na vida e então: Lúcio é um gaúcho. Mesmo que estivesse jogando na Alemanha, poderiam dizer que ele é alemão, brasiliense ou gaúcho. Mas se identificam esses jogadores como gaúchos. E não foi por acaso que a Zero Hora colocou, no dia do início da Copa, a sua

manchete de capa: “Começa a mais gaúcha de todas as Copas”. E quando o Brasil ganhou a copa de 2002, Paulo Santana escreveu na coluna dele: “Um título gaúcho”. E foi vai fazendo o louvor de cada um dos gaúchos que atuou na seleção: do Paulo Paixão, do Murtosa (assistente técnico), do Ronaldinho Gaúcho, do Lúcio e, é claro, do Felipão; todos com o emblema: os gaúchos.

Uma zombaria foi escrita pelo Kledir Ramil, na revista Isto é, “O DNA da família Scolari”, em que ele “provou” que todos os jogadores daquela seleção, no fundo, eram gaúchos. Então ele diz: “Kleber é paranaense. Paraná, em guarani, quer dizer Rio Grande. Está explicado”. E assim ele vai dando voltas para provar. “A avó do Roberto Carlos uma vez foi a Gramado, portanto ele também é gaúcho.” Enfim, todos os motivos para dizer que os jogadores eram gaúchos. E “o Romário só não foi, porque não tem nenhuma relação com o Rio Grande do Sul. Além do mais, fez toda aquela bagunça numa boate em Caxias do Sul uma vez, e o Filipe ficou indignado com ele e não o convocou de jeito nenhum”. O ponto é, mais uma vez, esse motivo que aparece: o futebol acionando discussões que são de uma outra ordem, do campo da política. Essa dissensão com o restante do Brasil, esse conflito centro-periferia remonta ao Tratado de Tordesilhas. Já levou a diversas revoluções e guerras e conflitos armados: 1930, 1961, não teve guerra mas chegou perto disso; e é claro, a Revolução Farroupilha... E o futebol serve muito para representar esse ambiente de conflito. Eu não acredito muito que exista esse “estilo gaúcho”, porque os jogadores hoje vão pra lá e pra cá. Vêm do Flamengo, voltam pra lá, vão pro São Paulo, jogam no Inter emprestados... Então há uma circulação de jogadores, ficando um pouco difícil de dizer isso. Agora, querendo, a gente enxerga essas coisas, se a gente estiver predisposto a ver isso no futebol. Eu até acredito que, num campeonato gaúcho, por conta do tamanho dos campos, da qualidade dos estádios – pequenos, enlameados, cheio de buracos – precise de um futebol assim. Mas eu imagino que um futebol do interior do Piauí não seja realmente muito diferente na qualidade do gramado, ou esse tipo de coisa.

Há uma outra questão: a proximidade com o futebol platino, que é considerado o grande inimigo do futebol brasileiro, o futebol argentino, ao qual são atribuídas todas as características do futebol gaúcho. Essa coisa do raçudo... O da Argentina tem uma diferença. Ele é catimbeiro, malandro, faz a falta quando o juiz não vê, uma certa malícia que, me parece, não se atribui ao futebol do Rio Grande do Sul. Mas há um trabalho muito bom de um colega da Federal de Pelotas, Luiz Carlos Rigo. Ele trabalha com a história do Rio Grande do Sul, analisando a importação de jogadores uruguaios e argentinos, para os times da região de Bagé, Pelotas e Rio Grande no início do século. Transações internacionais de jogadores do futebol uruguaios e argentinos, cujos times já estavam muito mais organizados do que o futebol brasileiro. Ele trabalha essa imigração como uma possível fonte

ou matriz de identidade do futebol gaúcho. Então futebol platino, por conta da influência desses jogadores vindos no início do século. Acho que é um argumento muito interessante, mas, se isso teve a ver com um estilo de jogar futebol, um estilo gaúcho, estilo paulista ou carioca, talvez nos anos 30, 40, quando a mobilidade era menor, e quando os jogadores daqui ficavam aqui e não iam prá lá. E vice-versa.

Houve uma copa do mundo, não lembro certo, acho que foi a de 34, que uma das federações brigou com a CBD e não mandou seus times. Acho que foi São Paulo, e não mandou nenhum jogador. E acabou se formando um combinado da seleção carioca com outros jogadores. Então esta questão das federações estaduais, nos anos 30, era mais pura. Assim, havia uma cultura local. Mas, hoje em dia, chega a ser meio contra-senso pensar nisso num mundo globalizado, onde os jogadores saem daqui e vão pra Espanha, vão pra Itália, enfim, os jogadores circulam. Hoje o futebol é um dos principais produtos brasileiros de exportação. Basta pensar no campeonato inglês, alemão, italiano, a quantidade de brasileiros que participam.

Prof. Alcido Arnhold – *Nos últimos anos, tem ocorrido uma mercantilização do futebol. Isso não estaria tirando um pouco o encanto, essa aura da paixão popular que envolve o futebol enquanto tal?*

Prof. Édison Gastaldo – Eu acredito que sim. Tem uma discussão que vem de longa data. O profissionalismo do futebol começou nos anos 1910. Quando todos os jogadores eram membros da elite, o esporte era uma coisa amadora. E praticar esporte por dinheiro era uma espécie de perversão, quando se começou a contar com jogadores vindos das camadas populares. Alguém só podia treinar se não fosse trabalhar, porque o jogador da elite, o filho do burguês, não precisava trabalhar e podia jogar futebol como uma ocupação. Agora, o sujeito que precisa acordar às 5 da manhã pra ir trabalhar, quando é que ele vai treinar? Ele tem que ajudar em casa, ele precisa sobreviver. Então o profissionalismo é uma cláusula quase inseparável da difusão do futebol para as camadas populares, no Brasil. A maneira possível de jogar futebol é recebendo por isso, senão o sujeito não tem tempo para treinar e ter condições de jogar, pois só pode correr dois tempos de 45 minutos quem treina muito. E não pode fazer isso sem receber, senão fica realmente complicado. E, naquela época, já se acusava muito essa questão, de estragar o jogo pelo fato de estar colocando dinheiro. Mas ainda hoje em dia se acusam os jogadores da seleção brasileira: “são uns mercenários”. Por exemplo, na Copa de 1998, teve acusações de toda ordem, depois da derrota, é claro. Até então, todos eram heróis, eram uma maravilha. Depois que perderam a decisão, a coisa ficou realmente muito complicada. As acusações eram que os homens da Nike estavam sempre lá. É curioso que o Zagallo foi o mesmo

personagem: em 1970, dialogou amigavelmente com o Médici e com os generais, numa boa. Aceitou a pressão superior, tranqüilo. A Nike é o “novo Médici” da vez: em 1998, foi a Nike a patrocinadora da seleção, que patrocinava pessoalmente o Ronaldinho e que teria, segundo algumas dessas muitas versões aí, forçado a escalação do jogador sem condições físicas. Ele teria tido uma convulsão, não teria condições de jogar, e a Nike teria pressionado, e Zagallo teria aceito a pressão do patrocinador que queria ver seu melhor jogador em campo a qualquer preço. Bom, deu no que deu e se acusou os jogadores de mercenários. Uma acusação que é fácil: “Só estão pensando em dinheiro, não vestem a camiseta”. E vestir a camiseta no Brasil é um coisa muito séria! Significa assumir uma causa. É uma coisa que vem do futebol. Vestiu a camiseta, então é do time, é um dos nossos. Ele pertence, ele faz parte, porque ele veste a camiseta. Os jogadores daquela seleção não estariam “vestindo a camiseta”, estariam interessados só no dinheiro. Isso é uma acusação muito grave. Agora, acho que há dois níveis da coisa. Há o lado mercantil: o futebol é um grande negócio. O jogo do Brasil na Copa do Mundo tem uma audiência acumulada de 92 a 94% dos televisores ligados. O jogo Brasil e Holanda, na Copa de 1998, teve audiência de 97% dos televisores ligados. Então é realmente um fato social extraordinário. A quantidade de dinheiro que se movimenta é uma coisa incomensurável. Uma cota de patrocínio do jogo da seleção brasileira na Copa do Mundo custa 16 milhões de dólares. É muito dinheiro. É uma das cotas, e vendem várias. Fica um pouco difícil pensar hoje o futebol sem essa quantidade de dinheiro. Sem dúvida, isso atrai corrupção, atrai interesses escusos os mais variados. É uma bela porta para a lavagem de dinheiro. Há gente que compra time de futebol na Europa. E assim é uma bela forma de escoar um monte de dinheiro que não tem muito como explicar. Então o futebol se presta para esse tipo de coisa: transações milionárias, etc. Basta ver que as multas para rescisão de contrato são incalculavelmente altas. E, via de regra, não são cumpridas: rescindem-se os contratos e ignoram-se as multas. Então realmente essa coisa perverte um tanto a lógica do esporte. Agora, eu acho que pro lado dos torcedores conta a paixão. Se da ótica dos jogadores, dirigentes, imprensa, transmissão midiática, patrocinadores, a coisa mercantiliza um tanto, do lado dos torcedores, nós que assistimos, em geral não estamos muito preocupados com isso. Eu quero que o Inter ganhe, que a seleção brasileira ganhe e não penso muito em quanto dinheiro aquele sujeito ali fazendo o gol vai receber pela vitória. Acho que são duas instâncias que ficam meio separadas. Se no mundo do futebol jogado, o dinheiro dá uma pervertida, do lado dos torcedores eu acho que isso passa a ser uma questão menor, desde que o “meu time” ganhe. E aí eu acho que um tanto daquele espírito “puro”, do jogo pelo jogo, continua. A paixão do torcedor é que redime o esporte.

O tema deste caderno foi apresentado no
IHU Idéias, dia 20 de novembro de 2003.

TEMA DOS ÚLTIMOS CADERNOS IHU IDÉIAS:

- N. 01 – *A teoria da justiça de John Rawls* – Dr. José Nedel.
- N. 02 – *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Dra. Edla Eggert.
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – MS Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Ane-marie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss.
- N. 03 – *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Jornalista Sonia Montaño.
- N. 04 – *Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Prof. Dr. Luiz Gilberto Kronbauer.
- N. 05 – *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Dr. Manfred Zeuch.
- N. 06 – *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Prof. Dr. Renato Janine Ribeiro
- N. 07 – *Mundos televisivos e sentidos identiários na TV* – Profa. Dra. Suzana Kilpp
- N. 08 – *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Profa. Dra. Márcia Lopes Duarte
- N. 09 – *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Prof. Dr. Valério Cruz Brittos

